TRAÇOS BIOGRAPHICOS

DO CAPITÃO-MÓR

José de Xerez Furna Uchôa

O INTRODUCTOR DO CAFÉ NO CEARÁ

José de Xerez Furna Uchôa foi filho do Capitão Francisco de Xerez Furna, Juiz de Orphãos e natural de Goyanna, e de sua mulher D. Ignez de Vasconcellos Uchôa. Por todos os ramos é José de Xerez oriundo das mais nobres, antigas e distinctas familias quer do Brazil Colonial, quer mesmo de Portugal, o que se pode verificar não só com a leitura escrupulosa d'estas Memorias (*) e de documentos authenticos que ainda existem, como tambem com o testemunho de um grande numero de pessoas, que ainda vivem e que estão versadas na materia.

Descende elle por via paterna da distincta familia Xerez, (de origem hespanhola), por seu avô, o Capitão

---

(*) Refere-se ás Memorias Genealogicae escriptas pelo proprio Capitão-mór José de Xeroz, as quaes se conservam no archivo da familia Linhares.

Bartholomeu Rodrigues de Xerez, que em 1703 residia em Olinda e era filho de João de Xerez, ambos fidalgos cavalleiros da Casa real e naturaes de Lisbôa; e da nobre familia Vaz Carrasco, por sua avó, D. Eugenia Vaz da Silva, neta de Sebastião Vaz Carrasco, nobre Olindense, e irmã de Francisco Vaz Carrasco, cavalleiro da ordem de Christo e Padre depois de viuvo.

Foi este Francisco Vaz Carrasco Capitão de Ordenanças de Ipojuca por patente datada de 26 de Agosto de 1666, que se acha registrada no Livro 2.º da Secretaria, á folha 229. Se vê d'este documento regio ainda uma vez comprovada a nobreza d'esta familia, que muito honrosamente se portou na guerra hollandeza.

Por via materna é elle descendente das nobilissimas familias Uchôa, Góes e Vasconcellos, Hollanda, Albuquerque, Lyra Pessôa, Sá e Oliveira, Vaz Carrasco e outras e por todos os lados aparentado com os Lins, Cavalcanti, Rego Barros, Paes Barreto, Barros Pimentel, emfim com as principaes familias das antigas capitanias da Bahia, Alagôas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande e Ceará.

Descende da familia Uchôa por ser 2.º neto do Sargento-mór Francisco de Farias Uchôa, filho de Marcos André, fidalgo da Casa Real, e de sua mulher D. Maria de Mendonça Uchôa, irmã do Mestre de Campos Gaspar de Souza Uchôa, 2.º d'este nome, fidalgo cavalleiro da Casa Real por Alvará Regio de 20 de Abril de 1646 e filha de Gaspar de Souza Uchôa, 1.º d'este nome, que por seus altos feitos e serviços relevantissimos na guerra hollandeza foi tomado no fôro de fidalgo cavalleiro da Casa Real pelo Conde de Bagnuolo e Duarte de Albuquerque, o que foi confirmado por Alvará Regio de 28 de Março de 1640, que vem transcripto no fim do Livro 2.º d'estas Memorias. Era este Gaspar de Souza Uchôa filho de Simão Borges, fidalgo da Casa Real e ambos naturaes de Maçãs, em Portugal. Por padrão regio de 20 de Março de 1703 Gaspar de Souza Uchôa, 3.º d'este nome, fidalgo cavalleiro da Casa Real por Alvará Regio de 20 de Março de 1699, foi remunerado com a tença annual de 48$000 réis pelos grandes serviços feitos du-

raute a guerra hollandeza por seus pai e avô, os referidos Gaspar de Souza Uchôa, guerra em que muito se distinguiram. Com forças de infantaria, Gaspar de Souza Uchôa aprisionou a náo almirante hollandeza, por elle posteriormente entregue em perfeito estado ao Vedor Geral da Armada.

Vide seus titulos, que são honrosissimas fés de officio.

Descende dos Hollanda, por ser elle 5.º neto de Arnaut de Hollanda, que chegou ao Brazil a 12 de Março de 1550, e era filho de Henrique de Hollanda, Barão de Rhenoburgo, descendente em linha recta e legitima dos Condes de Hollanda, antigos soberanos d'esta Nação, e de sua mulher Margarida de Florencio, irmã do Papa Adriano 6.º, que subiu á Cadeira de S. Pedro a 9 de Janeiro de 1522, tendo sido anteriormente, por diversas vezes, Vice-Rei das Hespanhas, em nome do Imperador Carlos V, de quem foi o mestre. D'este excellente Papa dá-se circumstanciada noticia no começo do Livro 1.º das suas Memorias.

Descende o Capitão José de Xerez da familia dos Góes e Vasconcellos, por ser tambem, segundo vimos, 5.º neto de D. Brites Mendes de Vasconcellos, mulher do referido Arnaut de Hollanda e filha de Bartholomeu Rodrigues e de sua mulher D. Joanna de Góes e Vasconcellos, Dama da Rainha D. Catharina, mulher de D. João 3.º

Descende da nobilissima familia dos Albuquerque por ser D. Joanna de Góes e Vasconcellos filha de Francisco de Albuquerque e Vasconcellos, que foi filho de D. Thereza de Albuquerque e de Pedro de Góes e Vasconcellos. Esta D. Thereza de Albuquerque era filha de D. Leonor de Albuquerque e de João Gonçalves de Gomide, ambos da mais illustre e antiga linhagem. Bartholomeu Rodrigues foi fidalgo da Casa real e Camareiro-mór do Infante D. Luiz, filho do Rei D. Manoel. D. Ignez de Vasconcellos Uchôa, mãi de Xerez, foi neta de D. Anna de Lyra Pessoa, que era neta de Pedro Affonso Duro, fidalgo da Casa Real e do Conselho de S. Magestade, e de sua mulher, D. Magdalena Gon-

çalves Pessôa, filha de Diogo Martins Pessôa. O Capitão-mór José de Xerez era como seu pai, natural de Goyana; porem tendo este fallecido retirou-se elle com sua mãi para o Ceará, á cujo excellente clima ia ella pedir o restabelecimento de sua saude. Não querendo porem residir em lugar d'onde se não visse a agua salgada, escolheu para sua residencia uma situação retirada cerca de duas leguas da ribeira do Acaracú, onde havia uma lagôa alimentada pelas aguas das altas marés. Morrendo sua mãe, retirou-se José de Xerez para a villa de Sobral; residia, porem, a maior parte do tempo em seu formoso sitio S. Ursula, sobre a serra da Meruoca, onde construiu um bom engenho de moer canna, todo o machinismo para a preparação da farinha de mandioca e a casa de moradia, achando-se tudo ainda hoje como elle deixou, não se tendo mudado uma só fechadura, nem uma chave; nem mesmo uma só telha fôra ainda removida da coberta da casa até o anno de 1875. Ali ainda se conservão as enormes cadeiras de sóla, onde foram gravados em grande relevo seus brazões; diversos bancos de madeira e mezas; o seu tinteiro e até uma grande bengala de brajaúva, com que costumava elle ir visitar e examinar suas plantações. A tinta de papeis por elle escriptos em 1730 ainda está perfeita e essa tinta era por elle preparada.

A' frente da casa ha um grande terreiro que á pessoa alguma permittia o Capitão-mór Xerez transpôr a cavallo ou com o chapeu na cabeça; qualquer que fosse o cavalleiro apear-se-hia antes de entrar n'elle e de cabeça descoberta deveria demandar a casa.

Era o Capitão-mór Xerez muito zeloso de seus fóros de descendente de bôa casa e tanto que punha difficuldades em aceitar por genros pessôas das mais consideradas de Sobral, como o Capitão-mór da mesma villa Manoel José do Monte, o Tenente Coronel de Cavallaria Antonio Manoel do Monte, e o Capitão Antonio Alves de Hollanda Cavalcanti, que, para tornarem-se seus genros, tiveram de raptar as moças com quem casaram-

se, apezar das grandes precauções tomadas por Xerez, a ponto de sua casa parecer mais um claustro do que uma habitação de sitio na serra.

Em uma esplendida noite de luar, como sôem ser as do Ceará, dirigia-se Xerez de Sobral para S. Ursula, subindo a ladeira da Meruoca, quando se encontrou com dous cavalleiros e duas damas que o cumprimentaram e por deferencia cederam-lhe o lugar de cima, o que elle agradeceu, sem reconhecer os nocturnos viajantes. Erão estes o Capitão-mór Manoel do Monte e seu filho Ten.e C.el Antonio do Monte com as filhas de Xerez D. Anna America Uchôa, que casou-se com o 1.º, e D. Francisca Xavier de Mendonça Uchôa, que casou-se com o 2.º, rapto de que elle só teve conhecimento no dia seguinte, á hora do almoço, pelo que mostrou-se muito agastado, apezar dos muitos protestos de respeito e consideração, que os dous raptores lhe dirigiram, pedindo permissão para se effectuar os casamentos, que logo tiveram lugar.

O zelo que elle tinha pela distincção da familia a que pertencia, *e sobretudo as idéas do tempo em que vivia* fizeram com que elle ligasse a maior importancia ao que propalava um de seus desaffectos: *ter Xerez sangue de christão novo, por um de seus ascendentes, pelo que sua familia não tinha o merecimento que elle pretendia.*

Foi esta accusação, *gravissima a seus olhos,* que elle quiz desmentir escrevendo suas Memorias genealogicas, que lhe consumiram 12 longos annos de um trabalho assiduo e enfadonho, e despezas avultadissimas; estes 12 annos elle empregou quasi que exclusivamente em *examinar documentos, rever todos os cartorios, revolver todos os archivos* das capitanias da Bahia até o Ceará e muitos da metropole, *combinar chronologias, conhecer o passado,* como diz elle mesmo na Genealogia de sua mãe D. Ignez de Vasconcellos Uchôa, trabalho este muito interessante. Como mostra a leitura de suas Memorias esforçou-se elle por não deixar de citar uma só pessôa da familia ou com ella aparentada, pertencente ao Clero, a alguma Irmandade ou Ordem Religiosa, de preferencia mesmo a quaes-

quer outros titulos, porque parece que estas estavão acima de qualquer suspeita ou duvida, por concessões ou privilegios que lhes fossem particularmente peculiares, ennobrecendo o habito a quem o vestia. Não queria elle descender de *indio*, *mouro*, *judeu* ou de *qualquer outra raça reprovada em direito e considerada deshonrosa*, declara elle. Estas cousas nos tempos actuaes, como em 1878, são anachronicas, sobretudo no pensar dos que não conheceram ou não ousão nomear os paes de seus paes; mas lh'as devemos relevar, porque em seu tempo erão da maior importancia; sirva-lhe ainda de compensação o ter sido muito caritativo; protector dos pobres, que elle não deixava opprimir injustamente; amigo da justiça, que elle não infringia por cousa alguma no mundo, como teve muitas occasiões de provar; trabalhador infatigavel no serviço publico, de que nunca recebeu remuneração alguma pecuniaria e por todos estes motivos e suas maneiras affaveis muito estimado e respeitado; seu amôr á justiça, porem, custou-lhe muito caro, como d'aqui a pouco veremos.

Gloria muito mais subida e invejavel coube ao Capitão mór Xerez, qual a de ter sido o 1.º introductor do café na Capitania do Ceará senão no Brazil, como parece certo.

Vindo a Portugal, pela 1.ª ou 2.ª vez, resolveu ir visitar Pariz, que já então era considerada a mais famosa das cidades, a cidade chefe, o coração do mundo civilisado, como Roma fôra a cabeça.

Nutrindo desejo ardente de ver de perto os esplendores da Côrte de França, onde então ainda reinava Luiz 15, partiu de Lisbôa José de Xerez munido de recommendações das mais distinctas pessôas, o que lhe valeu ser muito bem acceito, obtendo até a honra, então muito cubiçada, de ser incluido n'uma apresentação á Côrte de Versailles; porem cousa muito melhor do que tudo isto obteve elle, graças parece que ao Duque de Choiseul, e foi arranjar duas pequenas plantas de café, das existentes no Jardim das Plantas, de Pariz, descendentes de

outros dous pés trasidos de Moka por marinheiros de Hollanda e por esta nação offerecidos a Luiz 14, que os mandou para o Jardim das Plantas.

Dos dous pés que conseguiu Xerez, pequenos e mesquinhos, um morreu na longa travessia e o outro, apóz trabalhos e fadigas sem conta, plantou-o elle no seu já referido sitio de S. Ursula, n'um ligeiro declive do terreno, atraz da casa de moradia, onde o auctor d'estas linhas, 3.º neto de Xerez, o viu muitas vezes, anteriormente ao anno de 1861, ainda carregando extraordinariamente em certos annos, apezar de ter uns cem annos (*), pouco mais ou menos, graças aos cuidados do genro de Xerez, Sargento-mór Francisco Antonio Linhares e do genro e sobrinho d'este, Tenente Coronel Joaquim José Alves Linhares, que lhe succederam no dominio do sitio, de que é hoje (1878) proprietario o Major Ivo Francisco Linhares.

Foi este pé de café senão o pai de todos os cafesaes do Ceará, como muitos affirmão e parece provar o facto de ser o café do Ceará de qualidade Moka, com toda certeza o mais antigo, o primeiro que alli foi plantado.

A epocha da introducção da primeira planta de café no Ceará, facto este devido ao Capitão-mór José de Xerez Furna Uchôa, remonta ao anno de 1748, senão ao de 1747.

Nem somente ao café se limitou a rara sollicitude de Xerez por seu paiz durante esta sua memoravel viagem a Europa: foi elle o primeiro qne introduziu no Ceará, ha mais de cento e vinte e cinco annos com certeza, a parreira, a mangueira, o tamarineiro e outras arvores fructiferas. Em S. Ursula ainda se vêem os grossos esteios de aroeira, que serviram para as latadas das

---

(*) Em 1868 estivemos na villa da Parahyba do Sul, provincia do Rio de Janeiro, na fazenda....., propriedade do Capitão Simão Dias dos Reis, onde este agricultor, um dos mais illustrados que temos encontrado, mostrou-nos um grande cafesal, á esquerda da casa, tendo mais de 80 annos, no seu dizer.

parreiras; mangueiras muito mais que seculares ainda vivem ali, onde havia tambem um velho tamarineiro, que ainda chegamos a ver, tendo tudo isto sido plantado por Xerez, que pouco a pouco foi espalhando caroços e mudas por todo Ceará e outras capitanias.

Querem muitos que anteriormente a estas plantações feitas por Xerez, em terra alguma brazileira houvesse rinda semelhantes arvores fructiferas; porem não podenos affiançar aquillo de que não temos toda certeza.

Quanto a parreira já existia nas capitanias do Sul nos parece.

Ainda não é tudo. Foi Xerez que trouxe para o Ceará, poderiamos dizer para o Brazil, a arte de enxertar uma planta n'outra, tendo elle feito em S. Ursula innumeros enxertos, ha mais de cem annos, como ao auctor d'estas linhas o affirmaram, por muitas occasiões, o Ten.e C.el Joaquim José Alves Linhares, Capitão Vicente Alves Linhares, Major Ivo Francisco Linhares, Ten.e C.el Joaquim José Alves Linhares, 2.º d'este nome, e C.el José Camillo Linhares, seu avô, pai e tios, alem de muitas outras pessoas de toda supposição.

Actualmente é isto uma cousa muito comesinha, *enxertar uma planta n'outra;* porem, ha mais de cento e vinte cinco annos, era inacreditavel, fabulosa, portentosa! Na Europa mesmo erão então muito raras as pessoas que conhecião esta arte admiravel. Em Paris aprendeu-a Xerez. Já teria havido alguem que anteriormente a tivesse posto em pratica no Brazil? Pode ser; mas nos parece que não; em todo caso ainda não vimos referencia a isto em nenhuma das Memorias do tempo, que nos tem vindo ás mãos. Ainda fez Xerez outros melhoramentos ao paiz; mas não os referiremos, para não tornarmos-nos enfadonho.

Digamos agora algumas palavras sobre a vida politica d'esse homem notavel, que se chamou José de Xerez Furna Uchôa.

Como vimos em suas Memorias, occupou elle na villa de Sobral os cargos de Juiz Ordinario, Juiz de Orphãos,

Vereador da Camara por muitas vezes e Capitão-mór; accrescentaremos que elle exerceu entre seus conterraneos a maior influencia possivel nos tempos de então, prevalecendo geralmente, nas decisões a tomar-se, o seu modo de pensar. Tambem elle sempre chamou a si toda responsabilidade dos seus actos ou d'aquelles que elle aconselhava, quaesquer que fossem as consequencias, que podião ser terriveis para quem vivia sob um Governo despotico, arbitrario, absoluto emfim.

Anteriormente a installação da villa de Sobral a Rainha D. Maria 1.ª concedera varias datas de terra na Meruoca, serra fertilissima e distante duas leguas de Sobral; installada a villa d'este nome a 15 de Julho de 1773, a Camara Municipal pediu que lhe fosse dada por patrimonio a referida serra da Meruoca, ao que accedeu o Governador do Ceará, que n'este sentido mandou as competentes ordens. Xerez e diversas outras pessoas de Sobral das mais consideradas resolveram oppôr-se ao cumprimento d'estas ordens, por elles tida como illegaes, por estarem em inteira desharmonia com as ordens e concessões regias. Reiterando o Governador suas ordens, ameaçando com prisão aos que impedissem o seu cumprimento, os opponentes recalcitrarão, allegando que *não cumprião as ordens do Governador por entenderem ser absurda sua pretenção de destruir concessões feitas por S. M. a Rainha e revogar decisões por ella tomadas; que elles não erão homens a sujeitarem-se a ordens absurdas; que mesmo pela posição, que occupava, posição devida unicamente á benevolencia de S. Magestade, devia ser elle Governador o primeiro a dar o exemplo de prompto cumprimento as ordens regias, etc., etc.*

O Governador mandou-os prender; todos fugiram e depois retrataram-se; Xerez, porem, rejeitando os conselhos, que lhe davão, de proceder do mesmo modo, esperou impassivel em sua casa o official (Tenente-Coronel), encarregado de prendel-o. Este ali apresentou-se a noite, ás occultas, e pediu-lhe que fugisse, por que sua condemnação era certa e a pena muito severa. «*Não, Snr*

Ten.e Coronel; não posso, não devo e nem quero fugir, porque minha dignidade m'o impede; cumpra as ordens que tem, sejão quaes forem as consequencias.»

Retirou-se o official e no dia seguinte veio effectuar a prisão, levando-o para Fortaleza, cabeça da Capitania e onde residia o Governador, sem faltar jamais a menor deferencia para com o prezo, em vez de algemal-o, como tinha ordem, ordem que desde logo elle declarou não cumprir.

Levado a presença do Governador, diz-lhe este: « *Snr. Capitão-mór, aqui estão os officios assignados por V. S.ª; são as unicas provas, que tenho, de sua rebellião; rasgue-os e declare desapprovar o que se fez em Sobral e tudo está acabado.*» Julgando-se offendido com as palavras da autoridade, exclama o prezo com vehemencia: « *O Snr. Governador está enganado; o Capitão-mór José de Xerez Furna Uchôa não engole jamais aquillo que lança!* » O Governador vendo não poder vencer os estimulos do brioso prezo, remetteo-o para Pernambuco, d'onde foi para a Bahia e ali foi condemnado a sete annos de prizão com trabalhos em Pedras Brancas, n'Africa; porem, no fim de dous annos de prizão seus parentes e amigos, na Bahia, d'onde não passou, conseguiram a commutação da pena de degredo por quinze mil cruzados e bem assim a de prisão, sendo-lhe, porem, vedada a entrada na capitania do Ceará por mais cinco annos, resto do tempo da sentença, que lhe fôra imposta.

D'estas despezas indemnisou Xerez seus parentes e amigos, ficando quasi sem cousa alguma.

Regressando ao Ceará, ia Xerez munido com ordem e poderes do Vice-Rei do Brazil para mandar prender seus inimigos e perseguidores, o que por generosidade deixou de fazer, generosidade de que logo teve occasião de arrepender-se, por quanto em 1789 retirou-se para Pernambuco, onde conservou-se tres annos, para evitar novas perseguições e intrigas de que estava sendo alvo. Em 1792 voltou para o Ceará, não sobrevivendo por

muito tempo a este facto. D'elle existe descendencia tão numerosa, que talvez mesmo na provincia do Ceará não haja maior, no periodo que lhe é relativo.

Eis os dados que pudemos colligir sobre este homem extraordinario, que se chamou José de Xerez Furna Uchôa, Capitão-mór de Sobral por Carta Patente de D. Maria 1.ª, de 30 de Julho de 1782 e auctor do 1.º volume das Memorias Genealogicas dos descendentes de Arnaut de Hollanda, trabalho curiosissimo e não despido de importancia, por se referir a um periodo de perto de quatrocentos annos

Rio de Janeiro, 25 de Dezembro.

MANOEL DO N. ALVES LINHARES.